

Entre memórias e espaços: a arte pública na construção das paisagens culturais

Between memories and spaces: public art in the construction of cultural landscapes

Jovani Dala Bernardina¹
(LEENA/PPGA-UFES)

Resumo: Pretendemos apresentar a paisagem cultural existente nos municípios de Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e Santa Teresa, região Centro-Serrana do Espírito Santo, a partir da arte pública local. Exploramos no texto o diálogo entre memória, arte pública e a transformação da paisagem. Conclui-se que a arte pública pode vir a desempenhar um papel na preservação de memória cultural assim como gerar pertencimento e ressignificações para fortalecer a identidade regional.

Palavras-chave: paisagem cultural, memória, arte pública.

Abstract: *We intend to present the cultural landscape existing in the municipalities of Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá and Santa Teresa, in the Central-Mountainous region of Espírito Santo, based on local public art. In the text, we explore the dialogue between memory, public art and the transformation of the landscape. We conclude that public art can play a role in preserving cultural memory as well as generating belonging and re-significations, strengthening regional identity.*

Keywords: *cultural landscape, memory, public art.*

DOI: 10.47456/col.v14i24.46621



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

¹ Artista Visual, Policial Militar da Reserva, Investigador de Polícia Civil Aposentada, Bacharel de Artes Plásticas (UFES), e Licenciada em Artes Visuais (UNIASSELVI). Experiência em Artes, atuando nos campos: Gravura e Pintura. Mestranda em Artes no PPGA/UFES, Bolsista CAPES. Pesquisadora nos grupos: Estudos da paisagem e no LEENA/PPGA/UFES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1003388753252063>. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5038-5672>.

Paisagem: uma construção entre natureza e cultura

O ser humano constrói paisagens caracterizadas principalmente com a multiplicidade do olhar, suas discordâncias e, sobretudo, a capacidade de compreensão de cada um que visualiza esta paisagem construída, seja morador ou visitante, produzindo assim várias possibilidades de codificação e decodificação do ambiente, a partir dos diversos modos de assimilação e captura do espaço, lugar e do monumento existente na paisagem. Jean-Marc Besse, em “O gosto do mundo: exercícios de paisagem” (2014), nos apresenta um conceito de paisagem em que ela é resumida, tanto social como politicamente, a um recurso urbanístico:

A paisagem constitui uma perspectiva nova para as questões ligadas ao projeto urbano e à concepção da cidade, de forma geral [...] a paisagem é hoje considerada por muitos (inclusive pelos mestres de obra) como um recurso para o urbanismo, ou, de forma mais geral, para as estratégias de ordenamento do espaço em diferentes escalas. O cuidado com a paisagem ocupa, na atualidade, um lugar crucial nas preocupações sociais e políticas pela qualidade dos quadros de vida oferecidos às populações, em relação aos questionamentos sobre a identidade dos lugares, sobre a governança dos territórios ou, ainda, sobre a proteção dos meios naturais (Besse, 2014, p. 7).

Partimos da ideia de que compreender a arte pública é uma forma de nos aproximarmos da própria matriz das identidades dessas comunidades, conforme indicamos com Bossé (2004), para quem a identidade é formada por um conjunto de características que são compreendidas a partir de diferentes perspectivas e podem englobar aspectos físicos, psicológicos, materiais ou intelectuais. Pensando que a arte pública, em Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e Santa Teresa, nos municípios da região centro-serrana do Espírito Santo, quer seja no formato de monumento, grafite ou em outras linguagens, são elementos inseridos na paisagem dessas municipalidades e, certamente, refletem a cultura e os costumes particulares das etnias que foram responsáveis pela ocupação territorial dessa região, Javier Maderuelo nos apresenta, em “El Paisaje - Génesis de

un Concepto” (2006), um conceito de paisagem no qual esta é concebida como uma construção cultural:

Mas, para que estes elementos anteriormente mencionados adquiram a categoria de “paisagem”, para poder aplicar com precisão esse nome, é necessário que haja um olhar que contemple o todo e que seja gerado um sentimento, que o interprete emocionalmente. A paisagem não é, portanto, o que está ali, diante de nós, é um conceito inventado ou, melhor, uma construção cultural. A paisagem não é um mero lugar físico, mas o conjunto de uma série de ideias, sensações e sentimentos que desenvolvemos a partir do lugar e dos seus elementos constituintes. (Maderuelo, 2006, p. 38, tradução nossa)²

Desse modo, entendendo paisagem como uma construção cultural. Tudo o que se insere no ecossistema urbano corrobora com o que vamos compreender como paisagem. Assim, o local e o modo, o como e o porquê um monumento se instaura falam sobre como o olhar sobre a localidade e a sua história vão se dar. De acordo com Berque (1998), a paisagem pode ser vista como uma expressão cultural que reflete a civilização de uma sociedade e, simultaneamente, influencia a forma como essa sociedade percebe e interage com o espaço e a natureza. Ele descreve a paisagem como uma "marca" que representa uma civilização e uma "matriz" que molda e é moldada pelos esquemas culturais de percepção e ação, criando uma rede contínua de interações entre a sociedade e o seu ambiente, como podemos observar neste grafite (Figura 3), onde o artista representa a ideia de paisagem de sua municipalidade: as montanhas, o rio, as árvores e as casas.

² “Pero, para que esos elementos antes nombrados adquirieran la categoría de “paisaje”, para poder aplicar con precisión ese nombre, es necesario que exista un ojo que contemple el conjunto y que se genere un sentimiento, que lo interprete emocionalmente. El paisaje no es, por lo tanto, lo que está ahí, ante nosotros, es un concepto inventado o, mejor dicho, una construcción cultural. El paisaje no es un mero lugar físico, sino el conjunto de una serie de ideas, sensaciones y sentimientos que elaboramos a partir del lugar y sus elementos constituyentes.” (Maderuelo, 2006, p 38)



Figura 1. Registro fotográfico de um grafite localizado em um muro no município de Santa Leopoldina-Espírito Santo, que contém a assinatura do autor da pintura: Kaique, nuvens pintadas de cor verde e amarela, 05 pássaros minimalistas, um círculo no céu na cor amarelo desbotado, montanhas verde-claro, árvores em verde mais escuro, um rio com curvas sinuosas na cor azul. Fonte: Acervo da autora.

Acreditamos que essa rede permite compreender como um objeto estético se estabelece em um contexto coletivo e pode criar ou não uma imagem mental impactante (Lynch, 2006), que fortalece a sensação de pertencimento a um grupo. A paisagem, portanto, transcende a mera representação visual; ela é um fenômeno dinâmico resultante da interação entre o sujeito e o objeto. O observador não apenas percebe a paisagem de maneira física, mas a interpreta através de uma lente moldada por sua bagagem emocional, memórias e entendimento cultural. Essas dimensões influenciam profundamente como o indivíduo atribui significado e valor ao que observa, refletindo uma conexão mais profunda entre o ambiente e a identidade coletiva. Segundo Bertrand e Bertrand (2009): “a paisagem nasce toda vez que um olhar cruza um território, este é um encontro entre um ser pensante, dotado de sensibilidade e de memória, rico de sua cultura, com um objeto matéria: flor, campos arados, fábrica ou betume”.

Quando nos deparamos com um território, estamos interagindo com o espaço através de nossas percepções, sensibilidades e acervo cultural. Diante destes conceitos, podemos dizer que um abrigo de ônibus em uma estrada a beira de um lago (Figura 2) é uma paisagem, assim como uma cidade construída em um vale, vista do alto, é uma paisagem (Figura 3).



Figura 2. Registro fotográfico de um abrigo de ônibus na Rodovia ES-264 – Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo, Brasil. Na fotografia aparece no canto esquerdo uma pequena faixa do asfalto, e a figura central é o abrigo de ônibus pintado nas cores branco e azul, construído de alvenaria e coberto por telhas, circundado de mato verde, a beira de uma estrada, tendo ao fundo a imagem de um poste de madeira com fios de energia, árvores e arbustos em tons de verde variados e um curso de água. Fonte: Acervo da autora.

Esse processo entre o sujeito e o objeto na construção da paisagem destaca a subjetividade inerente à experiência humana. Cada pessoa pode enxergar e sentir uma paisagem de maneira única, influenciada por suas próprias vivências, emoções e conhecimentos prévios. Assim, a representação da paisagem se torna um diálogo constante e em constante evolução entre o que é observado e quem está observando. É um processo em que a subjetividade humana se entrelaça com a objetividade da geografia, resultando em uma infinidade de interpretações e significados possíveis para um mesmo lugar.



Figura 3. Registro fotográfico do centro do município de Santa Leopoldina obtido no mirante localizado no Monumento ao Imigrante. Neste registro observamos diversas construções de alvenaria com telhados que variam entre tons de marrom escuro e tons de cinza, terraços, várias árvores com tons de verde variados, ao fundo também a observamos montanhas cobertas por campos abertos e matas fechadas, com céu azul ao fundo. Fonte: Acervo da autora.

Arte pública e monumento: marcas de memória e identidade coletiva

A arte, em suas várias formas, documenta como as sociedades expressaram suas crenças, sentimentos e interpretações do mundo ao seu redor. Esse entendimento proporciona uma base para as gerações futuras, permitindo que elas compreendam e valorizem as experiências e conhecimentos acumulados ao longo do tempo.

O estudo da Arte desperta o indivíduo para outros saberes, pois é por meio dessa investigação que entendemos como se deram as manifestações sociais, culturais e históricas, isto é, como os diferentes povos viveram e divulgaram suas crenças, saudaram seus deuses, interpretaram os fenômenos da natureza e expressaram sentimentos e emoções

peçoais, deixando um caminho pronto para os que viriam depois (Reis, 2010, p.11).

Desta forma, também podemos afirmar, em consonância com a socióloga Paula Guerra (2019), que "o espaço público, é sempre bom recordar, não é política nem socialmente neutro. É um espaço de conflito." A arte pública, ao ser inserida nesse contexto, torna-se um poderoso meio de expressão e diálogo, refletindo e desafiando as tensões e dinâmicas sociais, promovendo a interação e a reflexão coletiva sobre os conflitos e a diversidade presentes na sociedade.

Os artistas participam das reflexões e debates sociais em e sobre quaisquer circunstâncias históricas. Eles tendem a trabalhar nessas circunstâncias e nas ideias, emoções e comportamentos que despertam nas pessoas, como materiais para a criação, porque as suas obras e performances configuram representações e discursos sobre a realidade social. (Silva; Guerra; Santos, 2018, p. 30, tradução nossa)³.

Em se tratando da importância e relevância da Arte Pública, Victor Correia, em "Arte pública: seu significado e função", nos apresenta:

Mas, mais do que elemento marcante do ponto de vista simbólico, a arte pública desvela e revela um lugar, faz parte do cotidiano dos seus utentes, e simultaneamente produz como que uma suspensão desse mesmo cotidiano, transforma o espaço público em espaço real, povoado e diversificado, suprime um espaço inicialmente vazio para o tornar transformável e habitável (Correia, 2013, p. 29).

A arte pública não é apenas um elemento simbólico, mas um agente ativo na modificação do espaço público, tornando-o um lugar habitável e diversificado, capaz de integrar-se ao cotidiano das pessoas enquanto, simultaneamente, suspende esse cotidiano para oferecer novas perspectivas e experiências, enriquecendo, assim, a vida da comunidade;

³ "[...] artists participate in the social reflections and debates in and about any historical circumstances. They tend to work on those circumstances and the ideas, emotions and behaviours they arouse in people, as materials for creation, because their works and performances configure representations of, and discourses on, social reality." (Silva; Guerra; Santos, 2018, p. 30).

propondo reflexão e preenchendo espaços vazios. Aparecido José Cirillo, em “Entrespaços: A arte pública na fronteira entre o rural e o urbano nas experiências de Nelson Félix e Piatan Lube”, nos propõe uma reflexão sobre arte pública no que tange a forma de interação entre autor/obra/paisagem/pertencimento, ao apresentar-nos estes dois artistas que possuem características distintas nessa de relação.

Sendo paisagem o que se vê, podemos partir do princípio de que a arte pública, como paisagem, é o que se vê. Assim, a arte pública como paisagem está instituída pelos modos de construção cultural que a fazem ser vista/percebida como elemento constitutivo da e na paisagem (Cirillo, 2016, p.727).

As pessoas que interagem com essas obras de arte trazem suas próprias experiências identitárias e culturais para a percepção do monumento, criando significações e ressignificações que refletem a diversidade cultural da sociedade. O monumento público tem uma função social significativa, especialmente no que diz respeito à construção da identidade cultural de uma comunidade e à preservação de sua história. É destinado a evocar emoções e reflexões sobre eventos e valores que são considerados significativos para a sociedade. Sua presença é um lembrete constante daquilo que a comunidade valoriza e quer preservar (Figura 4).



Figura 4. Registro fotográfico Monumento em Homenagem aos 150 anos da chegada dos Imigrantes Pomeranos no Espírito Santo - Santa Maria de Jetibá - Espírito Santo/Brasil. Contendo a representação de uma pequena família tradicional composta de 3 figuras humanas: uma do sexo masculino vestindo calça comprida azul, camisa de manga comprida branca, chapéu preto, descalço, com o pé esquerdo sobre uma pedra e com os braços apoiados em uma enchada. Uma do sexo feminino, vestindo um vestido azul-claro, com uma calça comprida por baixo, calçando chinelos, um lenço amarrado no cabelo e segurando em seu colo uma criança do sexo masculino trajando calça comprida e camisa de manga curta, com touca na cabeça, essas figuras humanas estão sobre um pedestal. Fonte: Acervo da autora.

O monumento público pode ser visto como um exemplo vivo de como as culturas se misturam e se reinventam constantemente em um contexto de intercâmbio e encontro. Essas obras de arte podem ser locais onde os valores culturais se cruzam, as narrativas se entrelaçam e as identidades se transformam, refletindo a natureza fluida e dinâmica das culturas contemporâneas. Uma das funções do monumento público seria auxiliar nas narrativas para a criação de uma identidade cultural, o reconhecimento da importância de um fato específico ou de atores responsáveis por acontecimentos significativos para a localidade onde ele se encontra inserido, como nos aponta José Pedro Regatão, em “Do Monumento Público Tradicional à Arte Pública Contemporânea” (2007), seria:

(...) a função principal do monumento: homenagear um acontecimento ou uma personagem que se tenha destacado na sociedade, perpetuando a sua memória no tempo. Neste contexto, podemos afirmar que o monumento transmite um conjunto de valores que vão contribuir para a criação da identidade nacional (Regatão, 2007, p. 35).

Buscando relacionar o modo de percepção e apreensão da arte pública/monumento, entendemos que é a forma como eles são recebidos e reinterpretados pelo público, como os munícipes e transeuntes interagem com essas obras de arte, trazendo suas próprias experiências, criando significações e ressignificações, refletem a hibridação e a diversidade cultural da sociedade. Em se tratando de arte/monumento público como uma possível representação de memória afetiva, uma demonstração de aproximação identitária, um pertencimento, tanto com o lugar onde será inserido como o que se deseja representar, podemos nos apoiar no conceito que Regatão (2015) nos apresenta:

(...) monumento público tradicional, entendido no seu sentido original como uma representação comemorativa destinada a preservar um determinado acontecimento para a posteridade, [...] Neste sentido, é possível afirmar que os monumentos públicos tradicionais estão

impregnados de uma série de valores – morais, ideológicos, educativos, estéticos, simbólicos – que a nossa memória coletiva pretende preservar como um legado às gerações futuras. Compreende-se assim que esta memória seja um elemento fundamental da identidade “individual ou coletiva” da nossa sociedade. (Regatão, 2015, p. 69).

Os receptores da mensagem que o monumento deseja enviar são indivíduos distintos, com valores socioculturais diversos. Esse modo de recepção-interpretação tende a variar conforme as diferentes perspectivas existentes na sociedade. Assim, a partir dessa interação, os monumentos podem originar novas significações e ressignificações, que refletem a diversidade cultural da sociedade. Nesse contexto, podemos identificar várias camadas de hibridismo cultural, visto que o próprio monumento pode ser um exemplo de hibridização de estilos artísticos ou influências culturais, pois alguns monumentos são concebidos por artistas e arquitetos que incorporam elementos de diferentes tradições estéticas, criando uma síntese que transcende as fronteiras culturais. Além disso, os temas e significados representados pelos monumentos, muitas vezes, refletem um hibridismo de narrativas e valores culturais. Por exemplo, um monumento pode homenagear uma figura histórica importante, mas a interpretação desse indivíduo e de seu legado pode variar de acordo com diferentes perspectivas culturais presentes na sociedade.

Paisagem como herança cultural: entre a realidade e imaginário

Ao nos determos na modificação de paisagem natural, partindo da substituição da flora natural com a introdução de espécies estrangeiras, Crosby, em “Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa” (2011), nos aponta que, possivelmente devido os colonizadores já conhecerem os benefícios e o manejo de espécies estrangeiras, eles as introduziam em suas novas colônias, minimizando as dificuldades existentes nestas novas regiões. Com a introdução dessas espécies e da

tentativa de reprodução da arquitetura de seu local de origem nessa nova paisagem, entendemos como o surgimento de um lugar de memória e uma nova forma de ver a paisagem, conforme Besse (2014) no relata:

A paisagem não é, portanto, um simples conjunto de espaços organizados coletivamente pelos homens. É também uma sucessão de rastros, de pegadas que se superpõem no solo e constituem, por assim dizer, sua espessura tanto simbólica quanto material. A paisagem também é um lugar de memória. (Besse, 2014, p. 33)

As mudanças praticadas pelos imigrantes-colonizadores podem ser entendidas não apenas como uma intervenção física, mas como um reflexo, como a necessidade e desejo de domínio e pertencimento, uma apropriação simbólica e afetiva do território, uma tentativa de recriar, nesse novo ambiente, sua cultura, sua identidade. Assim, essa transformação da paisagem natural é muito mais que apenas o controle do território, mas uma forma inconsciente de recriar, no novo ambiente, aspectos da cultura e da identidade que ele almeja preservar e impor, configurando um ato de substituição. Conforme aponta Sartre (1996):

Em suma, o desejo é um esforço cego para possuir no plano representativo o que já tenho no plano afetivo; através da síntese afetiva, visa um além que ele pressente, mas que não pode conhecer; dirige-se para “alguma coisa” afetiva que lhe é dada no presente e a apreende como representando a coisa desejada. Desse modo, a estrutura de uma consciência afetiva de desejo já é uma consciência imaginante, pois, a exemplo da imagem, uma síntese presente funciona como substituto de uma síntese representativa ausente (Sartre, 1996, p.101).

Oriunda na paisagem cultural, a paisagem imaginária surge a partir do desejo e da saudade de um lugar e um tempo que está ausente. Conforme Sartre (1996), recorreremos a apreensão de alguns recursos para nos sentirmos próximos, esse processo de tornar presente um objeto ausente, nesse caso específico, através da construção da paisagem cultural, é originado da intenção de tornar próximo, mesmo que de forma simbólica, o objeto desejado.

Ao relacionarmos o processo de tornar presente um objeto ausente por meio da imaginação, quando a intenção se dirige a um conteúdo específico que possui analogia com o objeto original e ocasiona a modificação da paisagem pelos imigrantes-colonizadores, podemos entender que, ao se estabelecerem em novas terras, carregam consigo imagens e memórias dos lugares de origem, que são ausentes fisicamente, mas presentes em suas consciências. Ao recriar elementos de sua cultura, arquitetura e práticas, inserindo-as nessa nova paisagem, estão tornando presentes aspectos de seus antigos lares (Figura 5). Essas recriações servem como representantes dos lugares ausentes, mantendo viva a essência e a memória cultural, mesmo que a característica fundamental da ausência física desses lugares permaneça. Dessa forma, a nova paisagem se transforma e se enriquece com a integração de elementos culturais trazidos pelos imigrantes e com os monumentos públicos, que atuam como pontes entre o passado e o presente, o ausente e o presente.



Figura 5. Registro fotográfico de uma residência pertencente a descendentes de colonos italianos construída na rota dos imigrantes, estrada que liga Santa Leopoldina à Santa Teresa. A imagem é composta por uma casa pintada de branco com detalhes em azul, tendo como acesso uma escada, e rodeada de árvores e palmeiras. Fonte: Acervo da autora.

A paisagem como essa construção cultural é originada pela modificação do espaço através ação dos imigrantes. Logo, percebemos que tudo o que se insere no ecossistema urbano corrobora com o que vamos abranger como paisagem cultural e, dessa forma, amparados em Santos (1988), visualizamos não apenas o espaço físico transformado, mas um campo de sentido, onde cada objeto se torna intermediário de relações simbólicas, afetivas e históricas, moldadas pelo tempo e pela cultura que o percorrem:

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (Santos, 1988, p. 25)

Considerando o espaço como a paisagem reconstruída, Woodward (2012) nos aponta que, através dos significados apreendidos culturalmente dos símbolos e representações, e estes incluídos na paisagem, podemos entender a origem de uma paisagem cultural.

É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos transformar. A representação, compreendida como processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas. (Woodward, 2012, p. 18).

Nesse contexto, as paisagens culturais/imaginárias recriadas pelos imigrantes assumiriam importância simbólica na formação da identidade e memória desses indivíduos, através da associação da memória coletiva desse grupo impregnado, continuamente, de esta nova paisagem originada a partir das diversas intervenções e modificações realizadas nessa nova realidade.

Considerações finais

Consideramos que a arte pública nos municípios de Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e Santa Teresa, na região Centro-Serrana do Espírito Santo, constituiu-se como um espaço de memória e identidade, entrelaçando histórias e valores, construindo, a partir desse hibridismo, uma ampla paisagem cultural. Por conseguinte, essas expressões artísticas culminaram em uma narrativa visual, expressando a heterogeneidade cultural e o legado dos imigrantes-colonizadores, promovendo um diálogo entre o passado e o presente. Assim, a arte pública pode redefinir as relações, atribuindo ou não o senso de pertencimento, através de suas ressignificações e interpretações, nesse novo contexto. A paisagem urbana dessas cidades não é estática, está em constante mudança, cada intervenção artística, seja ela em forma de monumento, grafite e ou construções arquitetônicas, sofre interação com os munícipes e outros transeuntes, gerando novas narrativas, e modificam gradativamente a paisagem cultural, à medida que esses novos observadores são influenciados por essas narrativas e influenciam, através do compartilhamento de suas próprias memórias, conhecimentos e contextos pessoais.

Referências

- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 84-91,1998.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Tradução de Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.
- BERTRAND, J.; BERTRAND, C. **Uma Geografia Transversal e de Travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Tradução: PASSOS, M.M.S. Maringá: Ed. Massoni, 2009.
- BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – Algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 157-179 2004.

CIRILLO, José. Estrespaços: a arte pública na fronteira entre o rural e o urbano nas experiências de Piatan Lube e Nelson Felix. In: **Arte: seus espaços e/em nosso tempo**, Anais da ANPAP, Porto Alegre: ANPAP, pp. 725-739, 2016.

CORREIA, Victor. **Arte pública: seu significado e função**. Lisboa: Fonte da Palavra, 2013.

CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa, 900-1900**. Tradução de José Augusto Ribeiro, Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.

GUERRA, P.. Nothing is forever: um ensaio sobre as artes urbanas de Miguel Januário±MaisMenos±. **Horizontes Antropológicos**, v. 25, n. 55, pp. 19-49, set. 2019.

LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. [s/ trad.]. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MADERUELO, Javier. **El Paisaje - Génesis de un concepto**. Madrid: Abada Editores, 2006.

REGATÃO, José Pedro. **Arte Pública**, Lisboa, Books on Demand, 2007.

REGATÃO, José Pedro. Arte pública e os novos desafios das intervenções no espaço urbano. **Convocarte - Revista de Ciências da Arte**, Lisboa, v. 1 n. 1, pp. 66-76, 2015. Disponível em http://convocarte.belasartes.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2015/12/Convocarte_1_site.pdf. Acesso em: 05 dez. 2024.

REIS, Eliana Vilelados. **Manual compacto de arte**. São Paulo: Rideel, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário**. Petrópolis: Vozes, 2019.

SILVA, A. S.; GUERRA, P.; SANTOS, H. When art meets crisis. The Portuguese story and beyond. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 86, pp. 27-43, 2018.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, pp. 7-72, 2012.

Recebido em: 03 de novembro de 2024.

Publicado em: 30 de dezembro de 2024.